



A Idade de Ouro dos Quadrinhos no Brasil¹ Entretenimento, Propaganda, Ideologia e Civismo durante a II GM

Athos Eichler Cardoso²
Universidade de Brasília - UnB

RESUMO

Este trabalho analisa as edições trissemanais das revistas de histórias em quadrinhos seriadas no período de 1934-1945. Baseado no *corpus* do *Suplemento Juvenil* e outras revistas, estima-se que essa literatura de massa aqui superou a produção da França e Itália durante a II GM. Concluiu-se que as capas das revistas, muito além de cartazes publicitários do negócio das HQs, foram eficiente suporte iconográfico para: a propaganda do Estado Novo; o culto da personalidade de Vargas e suas políticas; a manutenção do passado histórico; a reação à agressão nazista; o reforço da identidade e da união nacional e o incentivo ao esforço de guerra que culminou com a participação efetiva de tropas expedicionárias do Exército e da FAB em operações de guerra na Itália.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhos; Produção Editorial; Editoração.

INTRODUÇÃO

Os brasileiros nascidos entre 1920 e 1942 tiveram oportunidade de vivenciar e assistir ao fenômeno editorial, representado na sua plenitude pela edição simultânea de um conjunto das revistas de histórias em quadrinhos entre 1934 e 1945. Para outras gerações brasileiras existem diferentes idades de ouro, mas para as nascidas na época citada, tornou-se clássica. Essa certeza advém do período ser assim considerado não só no Brasil, mas também na Europa e nos próprios Estados Unidos, onde os quadrinhos floresceram com nitidez a partir de 1929.

Segundo Oscar Masotta, o ano de 1929, na América, marca o aparecimento de “*três personagens que antecipavam e condensavam uma grande parte da riqueza de possibilidades e invenções que, durante os anos trinta, constituíram definitiva e praticamente a imagem moderna dos quadrinhos.*”

O estudioso se referia a *Tarzan e Buck Rogers*, que apareceram de maneira absolutamente simultânea em 7 de janeiro de 1929, e a Popeye, no mesmo ano no *Thimble Theater*.

Houve o aperfeiçoamento continuado do desenho com o cinema, inspirando planos e angulações, dos roteiros advindos dos contos da ficção científica, dos mitos das terras exóticas, dos piratas, detetives e justiceiros introduzidos pelos contistas europeus

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação Social UnB – Distrito Federal, email: athosec@bol.com.br.



e americanos nos fascículos e revistas já no Século XIX. A introdução do realismo em vasta escala e a modernização das técnicas narrativas elevaram os quadrinhos americanos a um patamar de qualidade, fazendo dos anos 20 e 30 o classicismo dessa forma de expressão.

Alguns desses heróis que fizeram história e constam obrigatoriamente nas antologias vivem até hoje na lembrança dos leitores daquelas gerações. São eles: *Tailspin Tommy* (1928); *Tarzan e Buck Rogers* (1929); *Capitão Cesar* (1929); *Tim e Tom e Dick Tracy* (1931); *Brick Bradford, Brucutu e Jack do Espaço* (1933). E, em 1934, o grande ano da *Idade de Ouro*, *Flash Gordon*, *Jim das Selvas*, *Agente Secreto X-9*, *Mandrake*, *Terry e os piratas*, *Bronco Piler* e *Red Barry*. Em 1935, *Lil Abner*, *Rei da Polícia Montada e Fantasma Voador*; em 1936, *Príncipe Valente*, *Barney Baxter*, *Zé Mulambo*; 1937, *Red Ryder*, *Superman*, *Charlie Chan* e, finalmente em 1939, *Zorro* e *Batman* e, em 1940, o *Capitão Marvel*.

Edouard François afirma que a expressão *l'age d'or*, relacionada a HQ, significa para a Europa e a França o período que vai de 1934, data do surgimento do *Journal de Mickey*, até 1942, data do desembarque americano na África do Norte. Os italianos, privilegiados com o mesmo fenômeno, reservaram-lhe nome idêntico: *eta d'oro del fumetto*. O fato é que tanto pesquisadores italianos como franceses consideram a *Idade de Ouro* em seus países coincidente com a avalanche dos quadrinhos americanos que substituiu o texto debaixo dos quadrinhos pelo balão, conhecido como *fummetti* na Itália e *boule* na França.

O primeiro semanal italiano moderno foi *Jumbo* em 17 de dezembro de 1932, com histórias inglesas que não aderiram ao balão e com as americanas, convivendo com os dois sistemas de fala. Em 31 de dezembro de 1932 foi a vez de *Topolino* (Mickey Mouse) da Nerbini e em 14 de outubro de 1934 com *L'Avventuroso*, que apresentava as grandes histórias americanas todas com os balões: *Flash Gordon*, *O Agente Secreto X-9*, *Rádio Patrulha* e *Jim das Selvas*. Seguiram-se as revistas *L'Audace* e *L'Intrepido*, mas em 1938 o governo fascista de Mussolini opôs-se aos quadrinhos americanos. Os editores trataram de burlar a censura. Mudou-se o título das séries, atribuindo-as a autores italianos. *O Fantasma* passou a ser *O Homem Misterioso* e *Tarzan*, *Sigriified*. Pouco antes da II GM, Mussolini proibiu a importação de filmes e *comics* dos EEUU, temendo que os italianos fossem atraídos pelo “modo de vida americano”. Eles só retornaram após a Guerra.



Na França, Paul Winder, proprietário do *Opera Mundi* (sindicato europeu de quadrinhos), editou em 21 de outubro de 1934 *Le Journal de Mickey*, que alcançou 40.000 mil exemplares por semana em 1938. O sucesso dessa revista foi alavancado pela qualidade das HQ americanas, publicadas integralmente com os nomes originais das personagens adaptados à língua: *Jim La Jungle*, *Guy l'Eclair (Flash Gordon)*, *Luc Bradfer*, *Raoul et Gaston (Tim e Tom)*.

Portugal e Espanha, dominados por regimes fascistas, sofreram os percalços da censura e suas *idades de ouro* foram retardadas e de difícil datação.

DESENVOLVIMENTO

Os quadrinhos humorísticos já existem no Brasil desde 1905 quando da fundação d'*O Tico-Tico* (11 de outubro de 1905), mas como aconteceu na cultura europeia, raramente experimentaram o balão, substituído pelo texto debaixo ou ao lado dos quadrinhos. As demais revistas editadas no rastro da pioneira foram – mais do que se pensa –, em geral, efêmeras, dominadas por personagens cômicas, sem temas de aventura e sem balão.

Exceção à regra, antes mesmo do *Suplemento Infantil*, foi *A Gazeta – Edição Infantil*, editada pelo jornal diário homônimo pertencente ao jornalista Libero Badaró a partir de 1929. Era, no conteúdo, uma espécie d'*O Tico-Tico* paulista que, segundo Cagnin, passou a editar HQs americanas com balões, a partir de 1933. *A Gazetinha*, como era carinhosamente conhecida, restrita ao estado de São Paulo, somente passou a fazer publicidade de venda nacional a partir de 1936, com o preço de 200 réis. Sua época de ouro foi o período de 31 de agosto de 1937 a 12 de março de 1940, quando saía às 3as, 5as e sábados e ainda publicava as famosas *Edições Majestosas*, que tinham HQs completas e maior número de páginas. Sua longa história é confusa, marcada por interrupções, mudanças de títulos e periodicidade. A última versão foi *A Gazeta Juvenil*, em 18 de março de 1948.

Libero Badaró, importante na difusão do quadrinho moderno americano, não contava nem queria contar com as graças do Governo Vargas, por isso o homem que acendeu o pavio da explosão dos quadrinhos da década de 30 no Brasil foi *Adolfo Aizen* (1907-1991), jornalista, dono de uma biografia extraordinária, muito conhecida dos aficionados dos quadrinhos. Premiado em 1933 com uma viagem aos Estados Unidos, em plena *era de ouro* dos quadrinhos americanos, ficou conhecendo em detalhes a indústria e, de retorno ao Brasil, aproveitando a idéia dos suplementos dominicais e das



publicações americanas que observara, convenceu João Alberto, homem de Vargas e diretor do jornal *A Nação*, a editar uma série de suplementos semanais de conteúdos direcionados: o *Suplemento Infantil*, o *Feminino*, o *de Humor*, o *Policial*, o *Esportivo* e o *Literário*. Eles saíam anexados ao jornal, os dois, obrigatoriamente pelo preço de 200 rs. Todo dia *A Nação* fazia-se acompanhar de um suplemento, a saber: terças-feiras – *Suplemento Humorístico*; quartas-feiras – *Suplemento Infantil*; quintas-feiras – *Suplemento Policial*; sextas-feiras – *Suplemento Feminino*; sábados – *Suplemento Esportivo*; domingos – *Suplemento Literário*. Às segundas-feiras não se publicava jornais no Brasil. Não haveria suplementos. Era um plano muito ousado.

A pesquisa não encontrou exemplares do *Suplemento Esportivo* e do *Literário*, porém o de *Humor* e o *Feminino* duraram mais de uma dezena de números. O *Suplemento Infantil* e o *Suplemento Policial* sobreviveram.

O *Suplemento Infantil* (38x28), iniciado em 14 de março de 1934, foi um sucesso imediato, teve tal repercussão que Adolfo Aizen, já na 11ª edição, inclusive, desligara-se de *A Nação*, fundara o *Grande Consórcio Suplementos Nacionais* (GCSN), tornando-se independente. O *Suplemento Infantil* passou então a chamar-se *Suplemento Juvenil*, a partir de 27 de junho de 1934. Com esse nome ultrapassou a venda dos demais, que foram diminuindo a periodicidade e acabaram sendo retirados de circulação. Sobrou o *Suplemento Policial*, publicando algumas histórias em quadrinhos, mas dando prioridade ao texto, transformado em 1939 na revista de contos *Suplemento Policial em Revista* e pouco tempo depois em *Policial em Revista*.

O *Suplemento Infantil* contou com a colaboração de J. Carlos, Jorge Amado e Tarsila do Amaral, mas o fator decisivo de seu sucesso foi a publicação dos heróis americanos, clássicos do gênero, que utilizavam os balões. Esses foram no Brasil, como aconteceu na França e Itália, o grande divisor de águas entre as HQs e revistas antigas e modernas.

O *Suplemento Infantil* publicou *Tim e Tok* e *Flash Gordon*. Junto com eles, a mítica HQ brasileira desenhada por Monteiro Filho, intitulada *Os Exploradores da Atlântida* ou *As Aventuras de Roberto Sorocaba*. O uso do balão de fala e o estilo realista de todas elas foram a grande novidade e causaram impacto.

Colaboraram com o *Suplemento Infantil* e *Juvenil*, em diversas áreas, da administração ao desenho, pessoas que se tornaram conhecidas e até notáveis na diplomacia, editoração, pintura, ilustração, literatura e no ensino: Oswaldo da Sylveyra, Renato de Biasi, Luiz de Almeida Nogueira Porto, Alfredo C. Machado, Raimundo



Souza Dantas, Giuseppe Ghiaroni, Roberto Macedo, Donatelo Grieco, Odylo Costa Filho, Jorge Amado e sua primeira esposa, Matilde Garcia Rosa, Tarsila do Amaral, R. Magalhães Jr, Francisco de Assis Barbosa, Helio do Soveral, Afonso de Carvalho, Monteiro Filho, Fernando Dias da Silva, Salvio Correia Lima e Antonio Euzébio Netto.

O *Suplemento Juvenil* continuou a lançar no Brasil os grandes astros do *King Features Syndicate: Mandrake, Jim das Selvas, X-9, Brick Bradford, Rei da Polícia Montada*, etc e só perdeu esses heróis para *O Globo Juvenil* em 1938, depois de uma polêmica negociação comercial de Roberto Marinho.

O sucesso do empreendimento de Adolfo Aizen despertou a cobiça comercial de Roberto Marinho, dono do jornal que, em 12 de junho de 1937, lançou o *Globo Juvenil* nos moldes do *Suplemento*. Assim, deflagrou-se a conhecida “guerra dos gibis”, já que em 16 de maio de 1937 Aizen publicou o *Mirim* no formato tablóide (19x28) com 36 páginas e a seguir, em 8 de abril de 1939, *O Lobinho*, tamanho standard (46x39) com 8 páginas, publicado às sextas-feiras até o número 63 de 16 de junho 1939.

Marinho publicou, em 12 de abril de 1939, o tablóide imitando o *Mirim* que se tornou a mais famosa revista em quadrinhos brasileira, chegando mesmo dar seu nome ao gênero: o *Gibi*.

De 17 até 30 de junho de 1939, *O Lobinho* passa a ser publicado com 4 páginas, diariamente, exceto domingos. De 7 de julho a 17 de novembro, Aizen volta a publicá-lo semanalmente. Essas batalhas e escaramuças de papel desencadearam o fenômeno editorial, tratado neste trabalho, assumindo proporções gigantescas em relação a um país com uma população rural ainda expressiva e grande percentagem de analfabetos.

Fora pequenas diferenças no número de páginas e dimensões em relação às revistas européias, as brasileiras tinham uma peculiaridade única no mundo: o *Globo Juvenil*, o *Suplemento Juvenil*, o *Gibi*, o *Mirim*, e a *Gazeta Juvenil*, as mais importantes, eram trissemanais. *O Lobinho*, a princípio semanal, foi publicado diariamente, ainda que tal periodicidade só durasse 12 edições. Esses ritmos de publicação desenvolveram-se por etapas, alcançando pontos de pico como os de 1939 e 1940, que não existiram no restante do mundo.

Quando Aizen se propõe a romper o cartel e editar *O Lobinho*, diariamente, ao preço de 100 réis, num tamanho standard maior que *Suplemento Juvenil*, na dimensão dos jornalões da época (46x39), fracassa e vai seguir a tendência já existente nos Estados Unidos publicando *O Lobinho Mensal – comic book* – com 64 páginas só de histórias completas.



Embora já tivesse publicado histórias completas no *Mirim Sextaferino* e no *Mirim Dominical*, *O Lobinho Mensal*, desta vez, seguia no rastro d’*O Globo Juvenil Mensal* e do *Gibi Mensal* de Roberto Marinho, que saiu na frente de Aizen na publicação do *comic book* no Brasil.

Além dessa produção normal, eram publicadas edições especiais que adotavam nomes espetaculares como *Edição Maravilhosa*, *Edição Majestosa* e álbuns e livros de diversos formatos como as cópias dos americanos *Big Little Books*, os conhecidos tijolinhos das coleções *Mirim* e *Gibi*. *O Globo Juvenil* editou almanaques de fim de ano, capa dura, histórias coloridas, relegando ao ostracismo os tradicionais almanaques d’*O Tico-Tico*. Esses exemplares apresentavam-se nas bancas pouco numerosos em relação a hoje, mas em compensação eram anunciados junto com os periódicos convencionais pelos enxames de pequenos jornaleiros.

A tabela abaixo mostra a situação da editoração das revistas de quadrinhos brasileiras em 1939, quando manteve, ainda que por curto período, um recorde de publicações diárias.

Periódicos	Dias da Semana							Período de Publicação	Total Semanal
	S	T	Q	Q	S	S	D		
Suplemento Juvenil	×		×		×			1936 a 1945	3
Globo Juvenil		×		×		×		1937 a 1950	3
Mirim				×			×	1937 a 1939	2
Gibi	×		×		×			1939 a 1950	3
Gazeta Juvenil		×		×		×		18/04/38 a 12/03/39	3
Lobinho	×	×	×	×	×	×		17/06/39 a 30/06/39	6
Total Diário	3	3	3	4	3	3	1		20

A partir de 1940, com o *Mirim Sextaferino*, a produção brasileira de revistas de quadrinhos seriadas atingiu e manteve, regularmente, 12 (doze) números semanais até fins de 1944.

Na época do seu lançamento em 1934, o *Suplemento Juvenil* vendia 40.000 exemplares no Rio e a mesma quantidade em São Paulo. O *Globo Juvenil* no seu número 2, em 1937, noticiou ter publicado, na 1ª edição, 300 mil exemplares. O



Suplemento Juvenil, mesmo com a concorrência acirrada depois de 1938, atingiu também essa tiragem.

Para se entender o fenômeno editorial ocorrido aqui é preciso examinar suas principais condicionantes psicossociais, econômicas e o contexto político nacional e internacional do período que influenciaram seu desenvolvimento. Esses foram os seguintes:

A pujança da qualidade artística do produto quadrinhos de origem americana que oferecia ao público de ambos os sexos, de larga faixa etária, uma alternativa de entretenimento na década de 40, restrita à música, ao rádio e ao cinema. O interesse popular despertado para os quadrinhos vai criar uma grande demanda e circulação.

O mercado encontrava-se aquecido pela concorrência entre as revistas, baseando-se mais na publicidade e na qualidade do produto oferecido, pois o preço era o mesmo nessas empresas, o que fez suspeitar a existência de um cartel informal entre os interessados. O custo das publicações foi vital para a longa vida da indústria, pois não exigia grandes recursos. Papel, tinta e impressão no Suplemento Juvenil e *Mirim* eram de baixa qualidade. E as revistas apoiavam-se em uma experiência maior ou menor de produção jornalística.

O preço inicial das revistas trissemanais foi de 100, depois 200, 300, 400 réis, 50 e 80 centavos, sempre barato e acessível à população em geral e, principalmente, aos jovens que, com a venda de garrafas vazias e jornais usados, tinham um fluxo de caixa compatível com a leitura preferida, caso seus pais não se interessassem em comprá-la.

O aspecto psicossocial é, junto com o preço, fundamental na atração que as revistas de quadrinhos em série mantiveram sobre o público brasileiro. Heróis desenhados de maneira acadêmica realista e roteiros do gênero de aventuras, ou ainda histórias familiares com roteiros românticos, dramáticos ou humorísticos que tinham por cenário as cidades americanas mais interioranas ou cosmopolitas, eram acompanhadas com viva atenção não só por adolescentes e crianças, mas por pessoas de todas as faixas etárias do país.

Realistas e acadêmicos, os desenhos muito detalhados desenvolviam-se em cenas seqüenciais, dispensando muitas vezes o saber ler para aqueles que visualizassem suas páginas. Algumas HQs, mais dinâmicas e sintéticas, priorizando nos argumentos a ação em detrimento do aspecto psicológico, ficavam ao alcance das crianças analfabetas e muitas delas ainda aperfeiçoaram-se na leitura.



As novas revistas de Aizen e Marinho publicavam, geralmente com uma bela ilustração, contos de guerra, de aventuras ou policiais, interessando ainda mais os adultos e adolescentes.

As personagens, tão verossímeis, tornaram-se de tal forma conhecidas que ombreavam com os ídolos das poucas distrações da época: futebol, cinema e programas de rádio. Em função dessa fama e visibilidade costumavam aparecer nas multicoloridas capas, tamanho standard do Globo e do Suplemento, expostos nas tabacarias, bancas e mãos dos jornalheiros.

Lia-se sentado nos bancos dos bondes e das praças, nas calçadas, nos muros dos jardins e nas escadas das residências. Lia-se nos “campinhos”, terrenos baldios onde se jogava peladas com bolas de meia. Lia-se na carteira escolar, em plena aula, com o “gibi” disfarçado pela capa do caderno ou do Atlas.

Nas capas as personagens apresentavam-se geralmente em situações limites, difíceis, de suspense e uma frase curta e sugestiva marcava a tensão, que se distenderia com a leitura e poderia continuar até o fim da história nos capítulos seguintes. Por exemplo: *A dúvida nasce no coração de Shiva! O Fantasma prisioneiro é tão perigoso quanto se estivesse solto!!! Não percam no número de hoje este sensacional episódio do Fantasma. Robin Hood ataca!*

Os leitores envolviam-se, ligados ao que acontecia com os heróis de papel cujas intimidades e reações psicológicas ficavam uma, duas ou até três vezes por semana à vista de todos. E logo surgiu um passatempo sobre detalhes de suas vidas, um jogo de interrogatório entre os circunstantes: – Quem era a noiva do Fantasma? – Qual o nome do seu cão? – Onde morava Zé Mulambo? – Quais eram os nomes dos sobrinhos do Capitão? E, assim, sucediam-se perguntas baseadas na vasta mitologia criada pelos desenhistas americanos.

Apelidos oriundos dos heróis ou vilões do quadrinho também eram comuns. Na história de Kerry Drake, detetive, herói da série, o principal vilão tinha o queixo proeminente, o que lhe originou a alcunha de *Garrafão*. Esse apelido era relativamente comum entre pessoas com aquela característica. O mesmo acontecia com os carequinhas de nariz arrebitado que eram apelidados de *Pinduca*, menino da HQ sem palavras de grande sucesso no Brasil.

Todas as revistas de quadrinhos forneciam uma grande massa de entretenimento e informação, independente de categoria social, idade ou educação. Palavras cruzadas, notas sobre ciências e história, curiosidades em geral, notícias sobre cinema. O leitor era



informado desde episódios bíblicos até a vida dos principais ases de aviação. A adaptação de romances para os quadrinhos, em evidência nos dias de hoje, já era comum, como se pode observar com as publicações de *A canção de Bernadette*, de Franz Werfel, e várias outras adaptadas do cinema, como *Sob as trevas de Paris* em 1943, atração das gerações mais velhas.

Literatura de massa, moda literária extremamente popular, motivou colecionadores, serviu como moeda de troca entre a garotada. Empréstadas, vendidas a peso junto com jornais usados, davam-lhe enorme circulação informal. As quitandas de verduras e demais estabelecimentos comerciais que na época utilizavam as folhas do *Suplemento* ou do *Globo Juvenil* como papel de embrulho separavam os exemplares em bom estado e os revendiam pela metade do preço ou trocavam na base de uma por duas ou três. Em resumo, havia um grande comércio paralelo de segunda mão e, com isso, as publicações tornaram-se extremamente visíveis e populares.

Outro fator importante foi o contexto político da época já que o Brasil estava, desde a revolução de outubro de 1930, sujeito a um regime político instável que acabou por fortalecer-se com o golpe de implantação do Estado Novo, em 27 de novembro de 1937. Tratava-se de um regime totalitário, nacionalista, dirigido por um ditador, Getúlio Vargas, executor de uma obra nacional positiva que contava com uma máquina de propaganda eficiente, o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, chefiado por Lourival Fontes, bem como o Ministério da Educação, dirigido por Gustavo Capanema, cujo chefe de gabinete era o poeta Drummond de Andrade, aos quais não deve ter passado despercebido o potencial das revistas como veículo de propaganda.

Extremamente populares, difundidas em várias camadas sociais, baratas e, principalmente, atrativas no seu conteúdo. Transformá-las abertamente em um forte e importante meio de propagar a personalidade messiânica do Presidente, a política do Estado Novo, o Nacionalismo, a criação de uma *Juventude Brasileira* ao molde hitlerista, tudo isso mesclado a uma manutenção do passado histórico do Brasil, foi uma idéia que tomou corpo paulatinamente, e o governo imaginou concentrar a propaganda institucional nas capas multicoloridas e aproveitamento integral da página três. Por isso não titubeou em comprar, no ano de 1942, o GCSN, *Grande Consórcio de Suplementos Nacionais* para o jornal *A Noite*, que pertencia às *Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União*, onde a pedra de toque era a PRE-9, a *Rádio Nacional*, outro importante órgão de propaganda do governo com a sua *Hora do Brasil*.



A Educação Cívica em revistas infantis, apanágio d’*O Tico-Tico* desde sua criação, recebeu grande prioridade e acabou por eclipsá-lo, já que era transmitida de maneira mais realista e adulta. A juventude tinha um ensino muito mais aprimorado que o atual e conhecia de cor e salteado a História do Brasil, seus principais eventos e os vultos a eles relacionados, reforçados até a exaustão nas capas das revistas, junto com temas contemporâneos, como a exploração das riquezas brasileiras, a indústria, a interiorização do país com a construção de Goiânia – GO, a expedição João Alberto e a visita de Vargas aos índios do Araguaia e outros.

Uma parte apreciável dessas dezenas de capas, semelhantes a pôsteres, tinha como objetivo a propaganda em torno da figura de Vargas, acoplada à da *Juventude Brasileira*, da qual com o tempo tornou-se patrono e ídolo maior.

O *Suplemento Juvenil*, desde seu início, criou com a iniciativa e colaboração compromissada de alunos do Colégio Pedro II o *Movimento Juvelinista*, cívico-comunitário que contava entre seus objetivos a alfabetização e a paz. Essa vertente humanista do periódico, evidente em suas capas iniciais, não passou despercebida ao *DIP*, que dele se aproveitou para cooptá-lo aos interesses do governo. Em determinado momento tornou-se mesmo o órgão oficioso e, posteriormente, o órgão oficial da *Juventude Brasileira*. Aizen – note-se – não colaborou com ela.

O modelo de ensino que a *Juventude Brasileira* propunha era inspirado no do fascista Mussolini, do nazismo de Hitler e mantinha, também, muita semelhança com aquela do comunismo soviético estalinista ou a juventude cubana de hoje. Em suma, uma tentativa que poderia evoluir para a educação totalitária. O decreto de lei 2.072, de 8 de março de 1940, que a criou devido às divergências internas no seio do poder e à inapetência de Vargas para o assunto, “não pegou”, como se costuma dizer.

No contexto internacional, o mundo encontrava-se numa situação extrema de guerra total que envolvia a Europa, África e Ásia. Os Estados Unidos mantinham-se fora do conflito numa posição neutra, mas armados até os dentes. O Brasil, como sempre despreparado materialmente para a guerra, equilibrava-se entre os Estados Unidos e a Alemanha, procurando negociar mais com os Estados Unidos. Acabou, sob pressão, por apoiá-lo e colaborar na montagem diplomática de uma aliança pan americana que barrasse qualquer tipo de investida nazi fascista na América Latina quando, em represália, teve navios de carga e de passageiros afundados, o que ocasionou a declaração de guerra ao Eixo em agosto de 1942 e a adesão, de corpo e alma, na luta contra o nazi fascismo, ao lado dos Aliados. A Segunda Guerra Mundial



foi muito importante para os quadrinhos na América do Norte e, por conseqüência, no Brasil, o maior importador mundial do produto.

Se nos jornais diários brasileiros a primeira página era ocupada por manchetes, notícias, artigos e fotos sobre a guerra, o mesmo acontecia com as capas das revistas em quadrinhos que também davam, à sua maneira, cobertura jornalística da matéria. O desenvolvimento do conflito na Europa, na Ásia, na África e no Oceano Pacífico era acompanhado pelas aventuras dos heróis de papel, que estavam em quase todos os teatros de guerra. Nos céus, nos mares, nas selvas, nos campos, no deserto, em lanchas torpedeiras, carros de combate, aviões, desempenhando as mais variadas funções bélicas, estampados nas capas das revistas. E, com eles, estavam os leitores brasileiros, hipnotizados pelos argumentos, que tratavam as personagens não como super-heróis, mas como gente comum, jovens convocados ou voluntários para a guerra.

Ações de espionagem e contraespionagem, bombardeios, transmissões clandestinas, atos de sabotagem, torpedeamentos, ataques de comandos, bases secretas, desembarque de fuzileiros, invasão de paraquedistas, ações dos maquis na França, patriotas torturados pela Gestapo, redações clandestinas da resistência, batalhas aéreas e navais, alemães fuzilando reféns... Tudo era do conhecimento da massa de leitores do *Suplemento*, do *Globo Juvenil* e do *Gibi*.

Logo após os torpedeamentos dos navios brasileiros, o *Suplemento Juvenil* publicou uma série de capas, desenhadas por Walmir, abordando os acontecimentos na forma de quadrinhos. Elas detalhavam a tragédia dos nossos navios costeiros, erguendo o moral e insuflando indignação da população – *Não seremos vencidos!* - dizia o leiteiro, exaltando o heroísmo dos nossos timoneiros, foguistas e dos simples marinheiros desconhecidos que morreram afogados, mas cujas famílias seriam amparadas pela *Legião Brasileira de Assistência*, dirigida por Dona Alzira Vargas, esposa do presidente. Tratava-se, também, com o título de *Assim venceremos!*, da ação dos nossos aviões e navios de guerra na destruição dos submarinos inimigos, no cuidado para não se fornecer informações ao adversário, precaver-se contra a *quinta coluna*, não divulgar boatos e até um “*Dez mandamentos do estudante na defesa passiva*”, impresso na última capa do *Mirim*. Nas páginas internas também se encontravam fotos e textos de campanhas patrióticas dos estudantes para a coleta de alumínio e borracha usados, materiais estratégicos para o esforço de guerra.



Tanto o embarque como o retorno da Força Expedicionária Brasileira da Itália, onde pagou o seu tributo de sangue, foram muito exaltados em capas de excelente qualidade artística.

CONCLUSÕES

A *idade de ouro* das histórias em quadrinhos brasileiras foi igual a uma gigantesca invasão cultural americana, baseada nos interesses comerciais dos sindicatos do gênero pertencente às grandes organizações jornalísticas então existentes nos Estados Unidos da América.

Como as outras a que fomos submetidos desde que a influência americana foi aos poucos substituindo a francesa e a européia, em geral, com a sua música, literatura e filmografia, não se tratou de política conspiratória, mas das manifestações da globalização em que um produto de qualidade superior domina e sufoca pela quantidade e preço oferecidos ao mercado interno, como acontece sempre no capitalismo.

A partir de 1934, o Brasil teve a sua segunda experiência com a literatura de massa, representada pela edição de revistas de histórias em quadrinhos que, acirrada por uma violenta concorrência e com grande aceitação pública em todo o território nacional, tornou-se um fenômeno editorial quando comparada com a produção européia prejudicada pela invasão nazista e a censura estatal.

Entre 1940 e 1945, os Estados Unidos concentravam sua produção; até o surgimento do *comic book*, em 1934, nas páginas dos jornais diários e suplementos dominicais, o Brasil, num curto período, foi o maior editor de revistas de quadrinhos seriados mundiais, superando a produção européia.

O motivo principal dessa produção, gigantesca em termos brasileiros, foi a publicação de histórias em quadrinhos realistas, dramáticas, verossímeis e de alta qualidade utilizando a técnica do balão de fala, que encantava os jovens qual uma flauta de Hamelin impressa, não só no Brasil como também na Europa. Serviam como distração e evasão, preenchiam os sonhos dos leitores que com elas se identificavam.

Há que se considerar a importância, no cenário brasileiro, da presença pioneira de *Os Exploradores de Atlântida*, desenhada dentro dos cânones realistas e acadêmicos das mais clássicas HQs americanas, mas com um conteúdo profundamente enraizado na identidade nacional. A falta de divulgação dessa verdadeira obra de arte, publicada no *Suplemento Infantil*, exemplifica o descaso permanente dos editores e dos responsáveis pela conservação e divulgação da cultura brasileira, bem como a edição tardia dos

trabalhos do gênero de Angêlo Agostini, ou do ineditismo das obras completas de J. Carlos, Alfredo e Oswaldo Storni, Luis Sá, Acquarone, Belmonte, Messias, Péricles e dezenas de outros.

Quando o governo do Estado Novo percebeu que as revistas em quadrinhos eram recordistas de tiragem, baratas e de extraordinária capilaridade junto aos vários segmentos da população, aproveitou-se delas como uma forma eficiente de propaganda. Basicamente concentrada no culto da personalidade de Getúlio Vargas, nas realizações do Estado Novo, na cultura do Civismo e criação da *Juventude Brasileira* e na política externa, já caudatária da de Roosevelt, aderindo à União Panamericana.

Com a declaração de guerra ao Eixo, em agosto de 1943, as alegorias das capas enfatizavam o empenho em fortalecer a coesão nacional, a defesa nacional, o adestramento militar e a vitória no conflito. Estampavam a figura de Getúlio junto à Bandeira Nacional, a qual possuía, então, uma mística muito grande e frases referentes ao presidente, às conquistas do Estado Novo, à união nacional, ao esforço de guerra e à vitória final. Analisadas politicamente, eram imagens e, sobretudo, textos e discursos paradoxais. Falava-se em liberdade e democracia quando se vivia num regime repressivo autoritário.

Quanto à *Juventude Brasileira*, o perfil elevado que lhe dava o *Suplemento Juvenil* não correspondia à realidade. Analisando-se as tentativas governamentais de trombetear o interesse pela *Juventude* em função das massas de estudantes e escoteiros reunidas nas capitais, nota-se que deviam mais aos festejos da *Semana da Pátria*, instituída pela *Liga da Defesa Nacional* (1916), que organizava os grandes desfiles escolares, e à Corrida do Fogo Simbólico da Pátria, desde 1938.

Getúlio Vargas, malgrado um ditador, foi um homem extraordinário e extremamente sagaz, considerado por muitos historiadores o maior estadista da América Latina. Deve-se a ele um grande impulso para elevar o país a um outro patamar trazendo a siderurgia, até então chamada “a mãe de todas as indústrias”, e dando os primeiros passos na exploração do nosso petróleo, cuja produção garantiu com a criação da Petrobras em 1952, durante o seu segundo governo legalmente eleito. Soube administrar o Brasil durante um dos períodos mais difíceis da humanidade, levando-o a bom termo no conjunto das nações traumatizadas com a agressão nazi-fascista à humanidade.

O *Suplemento Juvenil*, além da graça de suas histórias em quadrinhos realizadas numa época conhecida como de ouro, serviu ao propósito ideológico educacional do governo nacionalista, divulgando de maneira das mais diversas e criativas, em texto ou



ilustração, a história, a cultura, os recursos materiais e a geografia do Brasil. Permitiu à população em geral a contextualização e o acompanhamento da Guerra Mundial. Serviu de propaganda contra o Eixo e, também, da criação da *Juventude Brasileira*, do culto da personalidade centralizada na figura do presidente Getúlio Vargas e popularizou os atos diplomáticos externos de relevante importância para a segurança do continente no Pan americanismo.

Incentivou de maneira marcante o civismo na juventude, atuando como instrumento coesivo da sociedade e da nacionalidade brasileira em um momento trágico, que foi a II Guerra Mundial.

Os quadrinhos, associados por tradição às crianças e aos adolescentes, assumiram uma posição de destaque no imaginário social de toda a população brasileira, utilizando mensagens iconográficas psicológicas e simples. Elas despertavam a percepção visual de todos com seu forte colorido e suas imagens de estilo acadêmico. Ressaltavam a iconicidade, facilitando a assimilação da mensagem visual, que não exigia trabalho de decodificação simbólica.

Este artigo sobre as capas alegóricas e o conteúdo do *Suplemento Infantil* e do *Suplemento Juvenil* que lhe deu continuidade descortina um campo de estudos da Comunicação Social rico de assuntos tanto desafiadores como permanentes: a invasão cultural americana, a identidade nacional, as políticas de comunicação no Estado Novo, a juventude e mudança social, a globalização, e a cultura de massa.

A análise sumária das alegorias nas capas do *Suplemento Juvenil* apresenta uma iconografia inédita que mostra um aproveitamento brasileiro deste gênero, seja como suporte – a revista –, seja como conteúdo e mensagem implícitos nas imagens.

As capas alegóricas, no período 1940-1945, mais numerosas no *Suplemento Juvenil*, constituíram um conjunto de pôsteres coloridos ilustrando uma época de tal forma como a imprensa brasileira jamais conseguiu.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARONE, Edgar. **O Estado Novo. 1937/1945**. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

EDOUARD, François. **L'âge d'or de La bande dessinée**. Paris: Editions Sergé, 1974.

MASOTTA, Oscar. **La Historieta em El mundo moderno**. Buenos Aires: Paidó, 1980.

MOYA, Álvaro. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.

NUNES, José Luiz Martins. **Juventude Brasileira. O Lado Fascista do Estado Novo**. Caxias do Sul: Maneco Editora, 2004.

PEETERS, Benoit. **Lire La bande dessinée**. Paris: Flammarion, 2010.

Periódicos

Fanzim Especial Nº 4. Anibal de Barros Cassal, Porto Alegre. 1992.

Gibi. Rio de Janeiro, 1939-1945.

Globo Juvenil. Rio de Janeiro, 1940-1945.

Mirim. Rio de Janeiro, 1938-1945.

Suplemento Juvenil. Rio de Janeiro, 1940-1945.

PHENIX nº 1. São Paulo: Revista CLUQ, 1997.

Artigo **A Gazetinha**, Revista Phenix, Antonio Luiz Cagnin.